

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

MARTINS SARMENTO EM TERRAS DA GALIZA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Martins Sarmiento em terras da Galiza. *Revista de Guimarães*, 66 (1-2) Jan.-Jun. 1956, p. 109-124.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Martins Sarmiento em terras da Galiza

Por MÁRIO CARDOZO

Martins Sarmiento, o sábio exumador da Citânia de Briteiros, foi pouco propenso a viagens. É verdade que, no seu tempo, para se visitar um país estrangeiro tornava-se quase indispensável possuir um certo espírito de aventura. As viagens eram longas e incomodativas, e precários os meios de transporte. Por mar, então, viajantes havia que, antes do embarque, tinham o cuidado de ditar o seu testamento.

Martins Sarmiento, como todas as pessoas favorecidas da fortuna, apreciava naturalmente as comodidades, habituado como estava à tranquilidade da sua confortável casa do Largo do Carmo, em Guimarães. Apesar de incitado amiúde por amigos com quem se correspondia (que os tinha numerosos, tanto em Portugal como lá fora) a visitar novas terras e vários países, os grandes museus, as famosas estações arqueológicas e tantas outras atraentes curiosidades do vasto mundo, raro saía do seu recanto de Guimarães, da pequenina terra provinciana onde nascera, sedentarismo este talvez devido em parte à sua falta de saúde, pois sofria de uma gastro-hepatite crónica que muito lhe amargurou os últimos anos da sua existência. Apenas na quadra estival, de Julho a Setembro, se deslocava até o velho solar de Briteiros, que herdara de seus pais, e uma parte dessa temporada passava-a na praia de Âncora ou da Póvoa de Varzim, ou ainda nas estâncias termas do Gerês e Caldeias. Fora deste período, durante o qual se encontrava ausente do seu belo palacete de Guimarães, só algumas rápidas digressões o atraíam, através do Minho, na colheita de velharias e de tradições populares, ou na localização de ruínas e monumentos do passado, cuja descrição ia registando no seu *Diário* destes pequenos reconhecimentos e investigações científicas, preciosos manuscritos que deixou e se

conservam ainda lamentavelmente inéditos, há mais de 50 anos, no Arquivo da Sociedade Martins Sarmiento, por falta de verba para a sua publicação.

Aquela relutância que Martins Sarmiento manifestara sempre pelas viagens, especialmente em sair do acanhado meio do nosso país, muito deveria ter prejudicado os seus estudos de Arqueologia, designadamente de Arqueologia comparada, pois na observação das preciosas colecções dos museus estrangeiros poderia ter colhido proveitosos elementos para as suas investigações de carácter etnológico acerca da origem dos *Lusitanos*, problema que constituiu uma das principais preocupações do seu espírito.

Mas, nem por ter sido um homem pouco viajado a sua actividade de estudioso foi improficua, quer no campo das explorações práticas, quer no das interpretações teóricas. As escavações que realizou na Citânia de Briteiros e no Castro de Sabroso constituíram o seu maior título de glória, e as conclusões a que chegou no âmbito da especulação científica granjearam-lhe verdadeira celebridade em todos os meios cultos europeus.

Ora no ano de 1880 (tinha então Sarmiento 47 anos) passou o erudito vimaranense os meses de Junho, Julho e Agosto na praia de Âncora. Os seus passeios na rebusca de antiguidades por toda essa deslumbrante região do Alto Minho eram quase diários. Findava o mês de Julho quando Sarmiento resolveu efectuar uma excursão um pouco mais demorada e longa, deslocando-se até à Galiza.

Partiu no dia 28, por Caminha e Valença, onde passou o rio Minho, dirigindo-se a Tuy e dali a Vigo, para regressar a Âncora em 30, por Baiona, Oia, La Guardia e Caminha.

Em Setembro desse mesmo ano ia ter lugar em Lisboa a 9.^a Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas, ao qual Martins Sarmiento desejava apresentar a sua notável Comunicação sobre os LUSITANOS, sendo ainda nesse ano que ele publicou a sua tão discutida interpretação do poema *ORA MARITIMA* de Festo Avieno.

Interessar-lhe-ia então, muito naturalmente, observar a costa da Galiza, cujas numerosas rias e ense-

das teriam sido frequentadas pelos arrojados nautas de Tartessos, que em remotos tempos aportavam a estas paragens, atraídos pelo comércio do estanho das fabulosas Cassitérides.

São curiosas as impressões que Martins Sarmiento recolheu nesse pequeno passeio à Galiza, viajando num carro de aluguel, puxado a cavalos, porque então não circulavam ainda por essas poeirentas estradas de outrora os velozes automóveis do nosso tempo. Extraímos dos seus Cadernos manuscritos as breves notas que damos a seguir, registadas pelo arqueólogo, ao correr da pena, sem preocupações literárias:

«Tuy — A actual passagem de Valença para Tuy faz-se, de certo, por onde se fazia a antiga. A velha Tyde ocupava, sem dúvida alguma, o mesmo local da moderna Tuy. Por isso não é possível procurar-lhe a fisionomia passada. O velho morreu debaixo do novo. Pena é. As ruínas de Tyde ser-me-iam importantes. A posição era excelente — um monte abrupto, quase de todos os lados. O que actualmente tem de notável é a Sé, grande igreja quase toda lisa, menos a portada principal e uma porta travessa. Esta é possível que seja mais antiga que

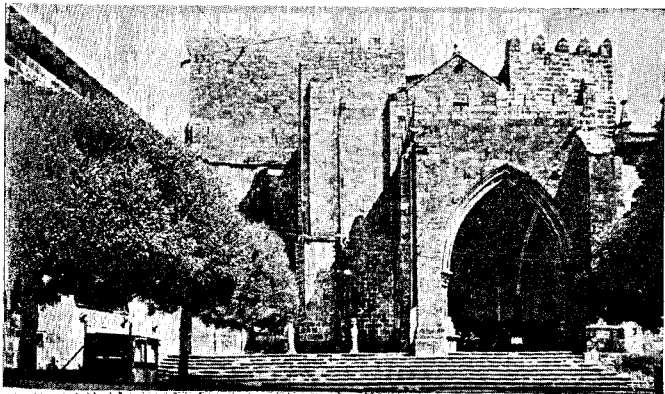


Fig. 1 — Fachada principal da Sé de Tuy

o resto do edificio, que é gótico. Fora, do lado de trás, há duas curtas inscrições góticas, que nem pude ler e menos copiar. Estão altas».

Como se vê deste ligeiro apontamento, o que mais impressionara o visitante, no seu primeiro contacto com terras de Além-Minho, foi a sóbria Catedral de Tuy, com sua bela portada principal, onde figuram



Fig. 2 — Porta românica da fachada norte da catedral de Tuy

magníficas esculturas góticas. Não escapou a Martins Sarmiento, apesar de não ser crítico de Arte, a parte antiga, românica, terminada no século XII, à qual foram posteriormente adicionados, já no fim do século XIII, os elementos góticos que a formosa Igreja apresenta.

A velha *Tude* ou *Tyde*, topónimo derivado de *Tydeus*, segundo Plínio (IV,112), evocaria por certo

a Martins Sarmiento a epopeia da heroica defesa do *Mons Medullius*, que alguns pretendem localizar no monte de San Julian, próximo da cidade e sobranceiro ao Rio Minho.

Em seguida insere o Manuscrito sarmentiano uma descrição muito sumária da ria de Vigo, na qual se mostra impressionado pela sua grandiosidade:

«VICUS SPACORUM — A ria de Vigo é, afinal, contra o que eu imaginava, um grande braço de mar que entra pela terra dentro, na extensão de 7 léguas, até Pontevedra. Começa a ver-se perto de Redondela, e depois quase se não perde mais de vista. As margens desta ria, que os Fenícios deviam ter explorado, eram bem dignas de um exame atento. A nordeste de Redondela existe um monte cónico, com a capela de Nossa Senhora da Peneda, que merecia uma visita. Já perto de Vigo, sobre a ria, vê-se um outro monte com a competente capela, de cujo nome não me lembro. A antiga Vicus Spacorum ficava inegavelmente no monte do «Castillo del Castro», o ponto mais eminente. Abrangeria talvez o outro Castelo, que já fica num contraforte mais baixo. O monte é elevado. Há mais que um

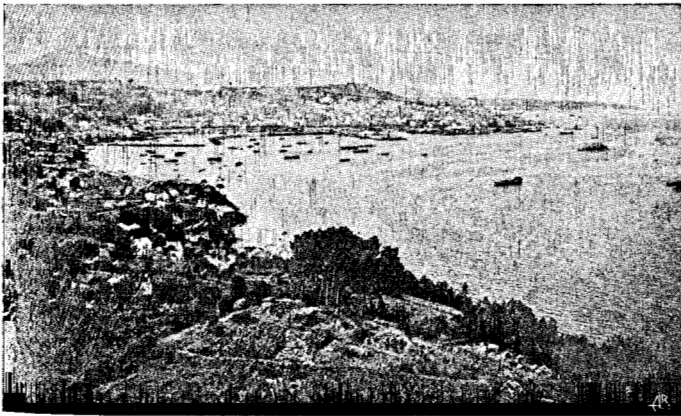


Fig. 3 — Vista panorâmica de Vigo, tirada do Monte da Guia

talude cobrindo as antigas muralhas, e, nos cortes feitos pelo trânsito, ainda se vêem também pedras que pertenceriam aos velhos muros. Os restos de cerâmica são em abundância enorme. Vi fragmentos de ânforas e de telha romana. A parte superior do monte foi, de certo, um pouco desfigurada pelas fortificações sucessivas e a pedra das construções aproveitada. Se no castelo novo há alguma pedra ornamentada, nem me lembrei de perguntar».

Há nestas notas dois equívocos de Martins Sarmento, certamente devidos a informações erróneas dos seus cicerones. Em primeiro lugar a Ria de Vigo não chega a Pontevedra, como Sarmento supôs. Por outro lado diz Sarmento que a Ria começa a ver-se próximo de Redondela; evidentemente, se, para a atingirmos, formos direitos a Redondela. Foi esse por certo o trajecto que Sarmento seguiu, quando partiu de Tuy para o norte. São ainda de Vigo estas curiosas notas do mesmo volume manuscrito:

«ILHAS DE LEÃO — São enormes penhascos que ficam na boca da ria de Vigo. Inabitáveis, têm quase o aspecto e o tamanho de pequenos montes. À simples vista, não se diria se são três, se uma.

FALPERRA — A subida da parte baixa de Vigo para a meia encosta (ainda dentro da cidade) parece chamar-se Falperra. O nome é certo, mas julgo não ser dado a um local determinado, visto compreender umas tantas ruas com nome especial, e não vi que alguma tivesse aquele. Foi quando partíamos para Baiona que ouvi falar em tal nome.

MONTE DA SENHORA DA GUIA — Fica a nordeste e à vista de Vigo. Pequeno monte com claros vestígios de fortificação, e muitos fragmentos de barro dispersos pelo solo, entre os quais telha romana. Não encontrei sinais gravados em rochas.

ILHAS — Segundo me disse um barqueiro de Vigo, e um outro confirmou, as ilhas de Baiona cha-

mam-se Estelas, as de Vigo, Cias, e a única, de Padron, chama-se On.

AS SETE SENHORAS IRMÃS — *Chamam-lhe assim (continua a informar o mesmo barqueiro) porque as suas capelas, situadas nos altos, se vêem umas às outras, (não querendo dizer que de uma se avistem todas). Entre elas contam-se a do Monte da Senhora da Guia, a da Peneda, que lhe fica a nordeste, não longe do Lazareto (que à vista parece um monte fortificado), a de Alva (no monte das Hervilhas, freguesia de Samões, a sul de Vigo), e uma outra fronteira a Monção.*

BOM JESUS DE BOUÇAS — *Situado na margem esquerda da Ria de Vigo, bem como a povoação do mesmo nome, maior que a de Cangas, que lhe fica defronte. Os portugueses têm muita devoção com este Senhor. A Igreja é do «tempo dos mouros», bem como a de Cangas (informa ainda o barqueiro) e a povoação é «mais antiga que Vigo».*

Nesta passagem do seu *Diário*, a referência às ilhotas que se encontram à entrada das rias de Baiona, Vigo e Pontevedra, é algo confusa: *Ilhas Cies (Sicca insulae)*, e não *Cias*, como anotou Sarmento, são três, à boca da Ria de Vigo — a do Norte, a do Faro e a de S. Martinho; as *Estelas*, em frente ao Cabo Centoulo, que separa a Ria de Baiona da de Vigo, são duas — a *Estela do Mar* e a *Estela da Terra*. Finalmente, as duas ilhas junto à entrada da Ria de Pontevedra são a *Ons*, e a *Oncela*. Padrón, que fica a norte de Caldas de Reyes, nada tem que ver com estes ilheus citados nos apontamentos anteriores.

Chegando a Baiona, anotava Martins Sarmento:

«MONTE FERRO. BAIONA. CABO CILLERO. ILHAS CIAS — *A baía de Baiona tem a sul o Cabo Cillero, que nenhuma proeminência apresenta sobre o mar, ou quase nenhuma, porque forma com o resto da costa uma linha aproximadamente recta. A norte vê-se o «Monte Ferro», de quase nula elevação e que só tem de notável o nome. A tomar quase*

metade da ria, projecta-se de sul a norte uma península onde antigamente havia um velho castelo de grandes dimensões, hoje em ruínas, propriedade do actual ministro Eldoay, homem rico que ali construiu um palácio. Na baía vem desaguar o pequeno rio Ramalhão, que, a par de uma ponte nova, tem outra velha, com um arco gótico e muitos de volta inteira, e apresenta as guardas descrevendo

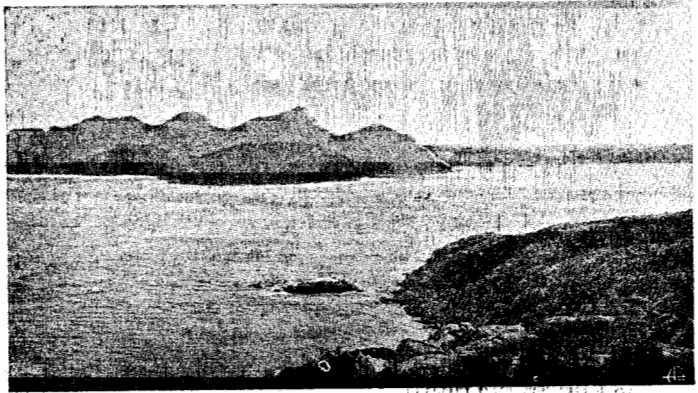


Fig. 4— *As ilhas de S. Martinho e Faro, à entrada da Ria de Vigo*

ângulos salientes em todos os pegões, coisa nova para mim. A baía tem pouca profundidade. Baiona é uma pequena terra com fisionomia de aldeia, sem sinal de comércio. Os melhores edifícios são um velho convento de freiras dominicanas, e a Igreja matriz. À beira da baía há a capela de Santa Marta, que de longe me pareceu muito antiga. A porta travessa é do género das de S. Miguel do Castelo, de Guimarães».

A entrada da Ria de Baiona é limitada a sul pelo *Cabo Cilleiro* e a norte pelo *Cabo Centoulo* ou *das Galeras*, onde fica o *Monte Ferro*. Na orla sul da ria destaca-se a *Ponta del Castro*, e na parte

leste existe a povoação de Ramalhosa, onde certamente passa o tal Rio Ramalhão de que Sarmiento fala.

Ao espírito observador do arguto Arqueólogo não escapou ainda, em Baiona, este pormenor curioso, apesar de trivial:

«Na ria os garotos vão buscar, de mergulho, ao fundo da água, uma peça de dinheiro embrulhada num papel.»

Prosseguindo a viagem, ia anotando, em breves mas incisivas linhas, aquilo que os seus olhos fixavam durante o vagaroso rodar da carruagem pela estrada luminosa, à beira-mar, que de Baiona^o conduzia a Oia e La Guardia. Agora aparecia ao longe o pico de Santa Tecla, com seu acentuado perfil cónico a revelar-lhe a fortaleza poderosa, já no alto, que nos tempos proto-históricos guardaria a entrada do Rio Minho, e cujas ruínas mais tarde postas a descoberto mostraram uma cultura exactamente idêntica à de Briteiros. Sarmiento lançava então no Caderno de lembranças:

«As ilhas Cias (aqui houve confusão de Sarmiento, pois queria certamente referir-se às ilhas Estelas, da Ria de Baiona) vistas do Cabo Cillero tomam a direcção nascente a poente, situadas já fora da boca da baía e um pouco a norte dela. Têm ambas a mesma forma arredondada. Parecem dois túmulos oblongos, de pouca altura e aparentemente com a extensão de uns 30 metros. Observadas do Cabo Cillero ficam mais terra adentro que as de Leão, estas gigantescas comparadas com as primeiras. De Baiona até La Guardia, a estrada corre entre o mar e montes de talude abrupto. É um deserto. Chegando perto de La Guardia vão aparecendo alguns campos, um ou outro curso de água, pequenas freguesias com pequenas igrejas, salvo a de Oia onde havia um Convento de frades, com uma torre não feia e alta, cujo corucheu e ângulo da balaustrada superior estão destruídos, certamente por algum raib. Nenhum monte nos indica a exis-

tência de qualquer castro, a não ser o último, o Tecla. Em vão espreeitei as chãs para descobrir alguma mamoa».

Não teve Martins Sarmiento ocasião de subir, naquele dia, o monte de Santa Tecla, onde à simples vista, de longe, logo lhe pareceu ter existido um castro. Mas no verão do ano imediato lá foi.

Realizou então, em 13 de Setembro de 1881, uma nova excursão à Galiza. Ainda nessa altura não tinham sido levadas a efeito em Santa Tecla quaisquer prospecções ou sondagens arqueológicas. Só mais tarde Dominguez Fontela e a Sociedade constituída com o título de «Sociedade pro-Monte» ali iniciaram escavações. Porém, as mais importantes explorações sistemáticas só foram realizadas muito depois, por D. Inácio Calvo e pelo prof. Cayetano de Mergelina, os quais puseram a descoberto grande parte das ruínas dessa notável Citânia do Tecla, cujo abundante espólio deu origem à criação de um interessante e notável Museu Arqueológico. Contudo, já no tempo de Sarmiento alguns valiosos objectos avulsos ali haviam aparecido casualmente, entre eles a preciosa estatueta de bronze de um *Hércules* desnudo, encontrada em 1862, figurado no seu regresso do *Jardim das Hespérides*, com as maçãs na mão esquerda, faltando-lhe a direita que provavelmente seguraria a clava. Foi o nosso sábio Professor Leite de Vasconcelos um dos primeiros eruditos a dar a notícia, na *Revista Lusitana*, no *Archeólogo Português* e nas *Religiões da Lusitânia* desta notável escultura romana, que primeiramente andou por mão de coleccionadores particulares, como Joaquin Angel e Blanco Cicerón, e depois deu entrada no Museu do Tecla.

Mas continuemos lendo o Diário de Martins Sarmiento :

«MONTE DE SANTA TECLA (GALIZA) — *Era evidentemente um monte fortificado, pois se vêem ainda lanços de muralha a descoberto, e taludes indicadores de outras ordens de muros. Os fragmentos de barro são muito abundantes e a telha de rebordo.*

O Hércules ali aparecido, que vi, é de um trabalho nada rude. Tem o cabelo cingido por uma fita e na mão esquerda dois objectos que parecem pomos. O desenho de Figueiredo da Guerra está bom. Tem



Fig. 5 — Hércules de bronze encontrado em 1862 no Monte de Santa Tecla (La Guardia, Pontevedra)

de altura a estatueta 16,5 cm. Não longe da actual capela há uma grande caverna, onde se diz ter aparecido a Santa. Foi aberta no saibro e parece antiga. Hoje o monte passa por santo.

Quem o sobe ganha indulgências; mas, se isto vem de tradição antiga ou não, ignora-se. A Santa e um Calvário que lá vi podem bastar para santificar dois montes».

Em seguida regista o sábio investigador esta pequena nota etnográfica:

«SALSIDO. CARPIDEIRAS — *Em Salsido, perto de La Guardia e do Rio Minho, ainda há «choradeiras», tinham-me dito e confirmou-mo um cocheiro galego».*

Depois, faz alusão ao Monte Terroso e à povoação de Cividanes. A propósito de *Cividanes* façamos aqui um pequeno parêntesis para, de passagem, relatarmos a ligeira polémica a que este topónimo deu origem, dois anos mais tarde, entre Martins Sarmiento e Leite de Vasconcelos, na discussão da obscura origem da palavra *Citânia*. Martins Sarmiento havia escrito, num pequeno jornal de Barcelos intitulado «Tirocínio», um artigo que continha esta passagem: «Próximo da Guardia (Galiza) há um lugar chamado *Cividanes*, e a povoação actual teve sem dúvida o seu primitivo assento num castro que lhe fica sobranceiro. É daí que ela trouxe também o nome que hoje conserva? Se *Cividanes* não é um adjectivo (e parece que não, podendo afirmar-se que o *d* é um abrandamento de um *t* mais antigo), *Cividanes* está por *Civitanes*, e vai-se aproximando de *Citânia*. A aproximação mais estreita seria, se em *Civitanes* se desse a contracção que se deu em *Ciudad* (de *Cividade*), porque então teríamos *Ciutanes*».

Leite de Vasconcelos, em carta para Martins Sarmiento, replicou do seguinte modo: «O castelhano *ciudad* não provém de contracção, como V. Ex.^a diz. O *u* é uma dissolução do *v*, em contacto com consoante, como há mais exemplos (*civitem* **civ'tatem*); além disso **Ciutanes* também ficava longe de *Citânia*; caminho mais direito era *Ci(vi)tanés* com a síncope do *vi*, como *cidade* [= *ci(vi)dade*], *cidadão* [= *ci(vi)tatanus*], *ciadela* [= *ci(vi)tatela*]; em Du Cange há *ciatella* e *civitatella*, de onde *cida-*

delhe (o *e* final, ou provém de um facto fonético, não único, *a = e*, ou de um paralelismo com o *e* final de *cidade*).

Perante esta exhibição filológica, um pouco petulante, de Leite de Vasconcelos, ainda Martins Sarmento veio à estacada, alcunhando irónicamente os filólogos de «alquimistas», a propósito do fenómeno linguístico denominado «dissolução», citado pelo sábio fundador do Museu Etnológico. Mas a polémica não foi mais além.

Voltemos aos apontamentos sarmentianos:

«CIVIDANES. MONTE TERROSO — *Acima de Salsido há uma povoação chamada Cividanes. Fica nas faldas do Monte Terroso, que faz pendant com o de Santa Tecla, para norte deste, e onde, à simples vista, ia jurar existir alguma coisa de especial. Acresce que, perto de Cividanes, se encontra a «Cruz do Castro», e portanto algum castro haverá ao pé. Veremos isso».*

Não visitou Martins Sarmento, nesta segunda ida à Galiza, o Monte Terroso, onde logo suspeitara a existência de algum castro importante; mas, poucos dias depois, voltou de novo a terras de Espanha, apenas com o fim de subir aquele monte.

No dia 21 desse mês de Setembro de 81, tinha ele acompanhado à Citânia de Briteiros Emílio Hübner, o famoso Mestre germânico da Epigrafia latina, que o procurara nessa ocasião em que realizava a sua segunda viagem a Portugal, para coligir novas inscrições destinadas ao grande Suplemento do Volume II do *Corpus*. Logo que Martins Sarmento regressou a Ancora, após esta forçada ida a Guimarães, tratou de realizar o reconhecimento que tinha em vista ao Monte Terroso. São de 26 de Setembro as seguintes notas a esse respeito:

«MONTE TERROSO. CASTRO. CASTROS DE PINTÕES — *Fui hoje ver o monte. A pouca distância de Cividanes, antes de lá chegar, no caminho de La Guardia, encontra-se a «Cruz dos Sete Caminhos», ou «das Sete Portelas». O cruzeiro é gros-*

seiro, igual ao «do Castro». A encruzilhada mal afamada de bruxas. Chega-se à povoação, que se chama Cividanes ou Castro, parece que indiferentemente. A «Cruz do Castro» fica já na povoação. Um pouco a sudoeste deste cruzeiro há um morro, cultivado hoje até à coroa, onde talvez fosse o Castro que lhe deu o nome. Não o vi. Perto da Cruz do Crasto há uma porta com as ombreiras e padieira ornamentadas, e a inscrição AVE MR, provavelmente «Ave Maria». O que é singular é que a figura da ombreira esquerda, acima de uma cruz de braços triangulares, representa uma rosácea sexfólia, com pequenos triângulos alternando com as pétalas, que me fez lembrar certa pedra ornamentada da Cidade de Âncora. A última figura do lado direito da padieira é uma concha. Encontrei perto desta casa o homem que me serviu de cicerone, Manuel Álvares Morales, empregado do correio de La Guardia, que nada me soube dizer da antiguidade da portada. Subimos ao alto do Monte Terroso. Nada de tradições. Apenas uma mina e uma poça antigas, sem haver memória de quem as tivesse feito. O homem tinha porém ideias de existir ali, no monte, um «penedo com letras». Debalde o procurou. Não vi um caco. No alto do monte há contudo uns restos de paredes que em parte correm pela coroa e provavelmente foram antigas muralhas. Do cimo e descobrindo ao longe a orla do mar, apontou-me o Álvares um sítio lá no fundo, num campo, onde aparecera um pavimento ladrilhado, parte do qual ainda ali se encontra soterrado. Descemos em seguida na direcção do nascente, em busca de um morro que ele disse chamar-se os «Castros de Pintães», e onde se distinguia mais que uma ordem de taludes. O Monte Terroso desce com suave inclinação para os «Castros de Pintães», chegando mesmo a formar uma chá no intermeio. Neste lugar dos Castros vê-se que a pedra de parte da muralha fora arrancada. A cerâmica abunda, entre a qual os fragmentos de ânforas. Na encosta, descendo para a planície, havia mais que uma ordem de muralhas, e o morro era muito maior do que me parecera visto de longe, de onde apresenta o aspecto

do «*Picoto dos Mouros*» de Âncora. Abaixo dos Castros fica a povoação de Proba, e mais abaixo ainda, Pintães. Parece-me portanto que o Alto de Terroso teria sido uma antiquíssima estação que mais tarde se desdobrou: — para o sul, formando o Castro (Cividanes), e, mais adiante, Salsido junto do Rio Minho; — para o nascente, formando os Castros de Pintães. O bom Álvares prometeu procurar e copiar uma inscrição e algumas pedras ornamentadas que diz existirem em diversas casas das povoações dos arredores. No Monte de Santa Tecla há, segundo ele diz, uma caverna, quase toda aberta num penedo. A entrada é estreita, apenas caberá por ela um homem. Por dentro a caverna é larga, e tudo artificial. É ainda hoje esconderijo dos refractários do exército. Conhece-a bem a gente de Camposancos».

Finalmente, lançou ainda Martins Sarmiento nestas páginas do seu Diário as duas curiosas anotações etnográficas que seguem:

«PEDRA DE RAIO — *Para este meu cicerone é um cristal de rocha, tal como dizem no nosso Minho.*

CAPOTILHA VERMELHA — *Como as de Braga, é ainda usada em La Guardia, mas é «muy antigua», informou-me o cocheiro. Perto de Porriño vi mais de meia dúzia. Chamam-se em galego «paramentas». Em Valença chamam-lhe «capuchas», parece».*

Eis as breves impressões que, há 76 anos, o ilustre minhoto recolheu nas digressões arqueológicas que efectuou pela encantadora Galiza.

São sempre interessantes as apreciações que um viajante faça de um país estranho ao seu, mesmo que elas pequem por um tanto inexactas. Apesar disso, quase sempre essas apreciações têm um cunho de objectividade e a frescura das primeiras impressões.

Alguns dos lugares que Sarmiento percorreu pela Galiza, há três quartos de século, estarão hoje por

certo modificados nos seus aspectos urbanísticos e até na própria paisagem, que tantas vezes a acção do homem altera profundamente. Mas sendo assim, mais um motivo de interesse despertarão estas breves impressões de viagem que, há tantos anos, o glorioso investigador vimaranense lançou, por seu punho, nas páginas inéditas que deixou.